

# *O Manuscrito de João da Rosa*

Edição Actualizada  
e  
Anotada

18118-2008



**2º Edição revista e anotada**  
Câmara Municipal de Olhão

**Produção**

Museu Municipal da Cidade de Olhão  
Exposição - 200 Anos da Restauração

**Coordenação**

Helena Barreto

**Edição Actualizada**

António Rosa Mendes  
Helena Vinagre  
Veralisa Brandão

**Anotações**

António Rosa Mendes

**Design**

Paulo Côrte-Real

**Documento**

Arquivo Distrital de Faro  
Livro de registo das ordens, privilégios, alvarás e provisões -  
(PT-ADFAR-CMOLH/10 )  
1765-1854  
Manuscrito do João da Rosa (1808) fls.196-200

**Impressão**

Gráfica Comercial - Loulé

**Tiragem**

2000 exemplares

**Data de Edição**

Julho 2008

**CAPA**

Imagen da capa do Livro de registo das ordens, privilégios,  
alvarás e provisões.

**Agradecimentos**

Miguel Vargas - Director do Arquivo Distrital de Faro

# *O Manuscrito de João da Rosa*

Edição Actualizada

e

Anotada

1808-2008

## UM DOCUMENTO PRECIOSO

António Rosa Mendes

CEPIIA - Universidade do Algarve

Não seriam muitos os olhanenses que, pelos inícios do século XIX, sabiam ler e escrever. João da Rosa - nome tipicamente plebeu era um desses poucos, e decerto por isso o escolheram para secretário do Compromisso Marítimo, funções que desempenhava em 1808. Embora de letras gordas, lavrou para memória futura, no livro de registos da própria instituição, com candideza espontaneidade e numa prosa tão corrente quanto desprovida de artifícios retóricos, um vibrante e admirável relato dos acontecimentos ocorridos em Olhão no mês de Junho daquele ano. Numa sociedade em que o analfabetismo era generalizado, são raríssimos os documentos escritos de origem popular. Daí o inestimável valor do manuscrito de João da Rosa, que narra minuciosamente as peripécias desses "duas rodas que estiveram alevantadas contra os franceses", até que "se deitaram as tropas francesas fora deste Reino do Algarve, ficando livre desta maldita nação". Lendo hoje essa dramática *Lembrança para ficar na memória das valentias marítimas deste Lugar de Olhão*, resulta patente que, no Portugal aristocrático daquele tempo, foi no Lugar de Olhão, mais que em nenhum outro, que se assistiu a uma viragem histórica: nada menos do que à afirmação do povo, enquanto tal, como protagonista do seu próprio destino. Mas porquê em Olhão?

O *lugar do olhão* tirou o nome de uma nascente, um grande olho de água doce que manava em plena praia, coisa de uma légua para leste de Faro e defronte da barra que dava saída da ampla laguna, ou "ria", para o mar ociano. Os dois factores a bacre à mão, a água abundante - propiciaram que uns pescadores de Faro, aí pelos inícios do século de Seiscentos, se começassem a assentar na *ponta do olhão*, onde ergueram palhotas. Mas um terceiro factor, não menos decisivo, esteve na génese do incipiente aglomerado: para esses pescadores, assombrado pelo implacável fisco, quanto mais longe da autoridade administrativa local, melhor. Não espanca portanto que esta reagisse com sanha, pretendendo que se mandasse

queimar as cabanas de Olhão. A solução drástica não vingou, e quem foi vingando foi o povoado, a partir do meado do século beneficiando da protecção da fortaleza de São Lourenço que, precária embora, vigiava a entrada da barra e dissuadia as acometidas dos corsários mouriscos.

Entretanto, a pesca do alto, a cabotagem, o contrabando - e sobremaneira o contrabando - fomentaram um surto populacional sem paralelo. Pelos finais do século XVII, inícios do XVIII, os residentes andariam pelo milhar; cerca de meio século volvido, o prior Sebastião de Sousa, na informação para as *Memórias Paroquiais*, de 1758, dá conta do excepcional crescimento: "Comegou este povo a fundar-se pelos anos de 1680 com umas poucas cabanas, que então o povoavam e que não excediam a 30 e hoje se acha uma das maiores povoações do Algarve, em que se contam acima de 500 moradas de casas e mais de 300 cabanas, que cada dia se vão diminuindo e pondose em seu lugar casas"; noutro passo, enumera: "Tem 787 fogos com 2440 pessoas de sacramento, todas moradoras no Lugar de Olhão"; e acrescenta serem tais moradores gente "toda marítima e com o continuo exercício de pescar".

Na segunda metade de Setecentos o incremento demográfico não abrandou, pelo que no ano de 1808 a população de Olhão orçaria pelos cinco milhares. Não muito distante de Faro, ali tão perto e a cujo termo pertencia.

O contraste era, aliás, flagrante. Contraste, desde logo, entre a cidade velha e a urbe nova, Faro, arcaica e imobilista; Olhão, pujante de vitalidade e socialmente subversiva. Porque, ao passo que em Faro uma oligarquia assente no privilégio de nascimento ou função - a "gente nobre da governança da terra" - ocupava os cargos municipais e, acolitada pelo cabido eclesiástico, exercia o seu domínio sobre uma massa popular subjulgada, em Olhão nada disso existia. Aqui, ao invés, redio se formou uma comunidade igualitária, sem distinção de estatutos e, por isso, dotada de fortíssima coesão identitária. É o que impressivamente se revela na petrinácia com que prosseguiu a conquista de uma autonomia que a levou, logo em 1695, a obter do bispo ser desanexada da freguesia de Quelfes; ainda o mencionado prior Sebastião de Sousa: "Suplicaram ao Exm.<sup>o</sup> Senhor D. Simão da Gama, bispo

que era então desta diocese, para que os separem da dita freguesia, erigindo-lhes outra de novo, e achando o dito prelado justas as causas, que para a dita separação lhe expuseram, os separou". *Separatismo*, pois. E *separatismo* reiterado nos termos do alvará de 6 de Julho de 1765, em cuja exposição de motivos se consigna que os marítimos de Olhão "havia anos tinham suplicado licença para se separarem da Casa do Compromisso da Confraria do Corpo Santo da Cidade de Faro e erigirem com os mesmos privilégios outra na sua Paroquial Igreja de N. Senhora do Rosário, que eles construíram e mantêm à sua cura" - licença que o sobredito diploma concede: "Hei por bem fazer-lhes mercê de que possam separar-se"...

Enfim separada da de Faro, e malgrado todas as manobras dilatórias com que esta procurou impedi-lo, a nova Confraria do Compromisso Marítimo do Lugar de Olhão - espécie de associação de socorros mútuos da gente do mar - viria desempenhar um papel determinante na revolta de 1808 contra os ocupantes franceses.

Entre Fevereiro e Março de 1808, um destacamento francês a mando do general Maurin ocupou o Algarve. Em Faro se instalou Maurin, obsequiosamente acolhido pela aristocracia local, quer civil quer eclesiástica. Recepções e banquetes oferecidos pelos magnates e, da parte do bispo D. Francisco Gomes de Avelar, uma pastoral emitida a 21 de Maio exortava os diocesanos "a que vos lembreis que a nossa Santa Lei e Religião nos manda que procuremos sempre viver em paz com todos, e sujeitar-nos a quem governa com uma perfeita sujeição e obediência". Opunha-se assim a qualquer veleidade de resistência e preconizava a incondicional submissão a um intruso que se comportava como um autêntico exército de ocupação, sacaneando vivetes e pilhando bens. Mas não contava com o povo miúdo e com a sua capacidade de resistência. Quer dizer: com o povo de Olhão - e em Olhão só havia povo, não havia aristocracia - com este povo de marítimos que, "todos juntos", rumo reiteradamente diz João da Rosa, e "olhando sempre para aquela nação francesa com olhos de veneno e má vontade", se levantaram contra o usurpador no 16 de Junho de 1808, "dia de gloriosa memória".

Em Olhão e 1808 conjugaram-se num só dia dois movimentos de distinta índole: em primeiro lugar - e só possível por lá não existir, como em Faro, uma aristocracia pusilânime e apostada apenas em preservar os seus privilégios - um espontâneo e genuinamente popular levantamento contra os abusos dos invasores; e, na sequência, uma insubordinação contra as autoridades municipais de Faro, agora também acusadas de colaboracionismo com os franceses. No limite, tal conjugação traduziu-se num último acto de *reparatismo*: a 6 de Julho abalava para o Brasil, onde chegaria a 22 de Setembro, o caíque "Bom Sucesso", com dezassete tripulantes, todos de Olhão; oficialmente era um correio, incumbido pela Junta Governativa do Algarve de levar à Corte a notícia da expulsão dos ocupantes; mais e antes purém do que *levar*, iam eles *buscar*, e o quê? O que trouxeram na volta: o alvará de 15 de Novembro de 1808, na terra do qual o Príncipe-Regente, reconhecido aos seus "fiéis vassalos habitadores do Lugar do Olhão no Reino do Algarve pelo patriotismo, amor e lealdade com que no dia 16 de Junho do corrente ano se deliberaram (...) sacadit o pesado e intolerável jugo Francês, com que se viam optimidos e vexados, dando o sinal da Restauração da sua liberdade" - ordenava que de ora "em diante se denominasse Vila do Olhão da Restauração e que tenha e goze de todos os privilégios, liberdades, franquezas, honras e isenções de que gozam as Vilas mais notáveis do Reino".

Esta elevação do Lugar do Olhão, que um século antes ainda não passava de um aglomerado de cabanas, à prestigiosa categoria de Vila, foi alcançada, não por qualquer majestática magnanimidade, mas a golpes de pujança, audácia e determinação pelo próprio povo olhanense, que ele, e não outrem, protagonizou todo o processo de emancipação. Por parte do poder absolutista era um reconhecimento de que o povo, até então uma massa passiva, irrompia no processo histórico como sujeito activo. Verdadeiramente, a revolta popular de Olhão em 1808, na sua dupla vertente anti-francesa e anti-aristocrática, prenunciou em Portugal a sociedade liberal que se configuraria após a Revolução de 1820.

*O Manuscrito de  
João da Rosa*

de su casa. Para tratar con menor desas奔iones el trato que  
se hizo en dichas tierras, se verá más tarde de Portugal. Se ha  
sugirido la posibilidad de que el acuerdo entre Portugal y Francia  
contra Inglaterra, firmado el año 1360, contiene la causa de  
que se inició la guerra de Portugal contra la reina  
Juana. El duque de Alburquerque, que nació en 1360, es  
probable que sea el autor de la carta dirigida al rey de Francia  
en la que dice que el duque de Alburquerque, su hermano, ha  
sido destruido en la batalla de Cravanzas.

Enviado a su hermano el rey de Francia, el 13 de febrero de 1360, el  
duque de Alburquerque le dice que su hermano, el rey de Portugal,  
ha muerto en la batalla de Cravanzas, y que su hermano, el rey de  
Portugal, ha muerto en la batalla de Cravanzas, y que su hermano, el rey de

LEMBRANÇA PARA FICAR NA MEMÓRIA DOS  
VALOROSOS MARÍTIMOS DESTE LUGAR DE OLHÃO,  
DO QUE FIZERAM NA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL  
E SEU PRINCÍPIO. CASOS SUCEDIDOS SOBRE O  
LEVANTAMENTO QUE ESTE POVO FEZ CONTRA A  
NAÇÃO FRANCESA E COMO ESTE LUGAR DE OLHÃO  
FOI A PRIMEIRA TERRA QUE SE LEVANTOU NO  
REINO DE PORTUGAL. E RECOMENDAMOS MUITO A  
TODOS OS NOBRES MARÍTIMOS QUE SEMPRE SEJAM  
MUITO LEAIS VALOROSOS VASSALOS A SUA  
MAJESTADE, ASSIM COMO ELES FORAM EM CASOS  
TAIS. QUE O ALTÍSSIMO JESUS CRISTO NOS LIVRE DE  
TAIS CASOS SUCEDIDOS A TODO O MUNDO, COMO  
SUCEDERAM NO ANO DE 1808.

O nosso amado Príncipe-Regente Nossa Senhor Dom João e  
sua mãe a Rainha Nossa Senhora D. Maria governando este  
Reino<sup>1</sup> no melhor que podiam, tudo a benefício dos seus  
vassalos, não querendo que o sangue dos seus leais vassalos fosse  
derramado, buscando todos os meios de estar em paz com o  
imperador de França Bonaparte e com seu sogro o Rei



de Espanha,<sup>2</sup> fazendo as vontades a todos estes com dinheiros e tudo mais que lhes era preciso, a fim de conservar este Reino em paz e sossego e não derramar o sangue dos seus vassalos; como este imperador de França Bonaparte já tinha tomado vários Reinos, uns por força de armas e outros por falsidades e falsas promessas, induziu o Rei de Espanha para meter tropas em Portugal, espanholas e francesas, dizendo-lhe que vinham auxiliar Portugal contra Inglaterra, obrigando ao nosso Príncipe declarar guerra e tapar os portos à Inglaterra.<sup>3</sup> Vendo-se o nosso Príncipe tão obrigado destes Reinos e não querendo fechar os portos e declarar guerra contra o seu fiel e leal amigo o Rei de Inglaterra, mas sendo obrigado à força, se proibiram os portos à Inglaterra.<sup>4</sup> Vendo o nosso Príncipe que por nenhum modo podia conservar a paz, vendo que não podia acomodar isto, determinou mandar armar as suas naus e fragatas e brigues e mais navios, e mandando buscar a esquadra portuguesa que se achava no Estreito de Gibraltar de guarda costa contra os mouros argelinos, sabendo que as tropas francesas e espanholas vinham com toda a pressa entrando em Portugal, determinou embarcar-se, mais toda a Família Real e fidalgos e mais povo que pôde, e no dia vinte e nove de Novembro largou da barra de Lisboa para o Rio de Janeiro, e logo no outro dia trinta entraram as tropas francesas e espanholas em Lisboa, Setúbal e no Porto e mais terras do Reino.<sup>5</sup> Este monarca Rei de Inglaterra foi tão fiel a Portugal, não olhando que Portugal lhe fechasse os portos, ainda mandando a todas as suas armadas que não proibissem os portugueses navegarem nem os pescadores irem ao mar a pescar, antes lhes dessem todo o auxílio e os tratassesem ainda mais bem que os próprios ingleses, como bem constou nestes mares de Portugal, senão ainda nos mares dos Reinos estranhos.

Entradas que foram as tropas francesas e espanholas, logo tomaram posse do Reino, repartindo o Reino ao meio, de Lisboa para o norte ser de França, de Setúbal para baixo ser de Espanha, de sorte que em Lisboa nas torres e fortalezas estava a bandeira francesa arvorada, em Setúbal a bandeira espanhola.<sup>6</sup> Passando alguns meses, teve o General francês com o General de Espanha ou a falsidade daquele Bonaparte introduzida contra Espanha, de sorte



que se retiraram as tropas espanholas para Espanha, ficando governando todo o Reino de Portugal o General francês chamado Junot, começando mandar tropas francesas para o Algarve, em que neste Lugar de Olhão entraram as tropas francesas no dia catorze de Abril, quinta-feira santa, vindo um General francês e um Governador para a cidade de Faro,<sup>7</sup> tomado posse de todo o reino, dando baixa às nossas tropas de soldados e oficiais,<sup>8</sup> tomando-lhes a todos as armas, mandando-as logo para Lisboa, ditando vários editais com ordens, ditando vários tributos aos povos<sup>9</sup> e mandando numerar todos os barcos pescadores deste Reino, e ainda as mesmas lunchinhas da murraça e da meia-água,<sup>10</sup> obrigando a este Compromisso cobrar destes miseráveis pescadores, por os deixar ir ao mar a pescar, oitenta e oito mil réis cada mês para o prato do Governador francês que assistia em Faro,<sup>11</sup> ainda os obrigava a levá-los a Faro, além dos mais tributos que pagavam de suas casas e vinhas e fazendas, e da dízima<sup>12</sup> que pagavam a Junot. Chegou a tanto a maldade desta nação que abandonando todas as igrejas, tirando-lhes todas as alfaias de prata, cruzes, lâmpadas, coroas das imagens e tudo que tocava a prata, mandando logo para Lisboa fundir em dinheiro em barra e remetendo tudo para França. Chegou a tanto este Reino, que se queria ir algum barco de navego para Tânger ou Térnão lhe havia de dar dez moedas de ouro, fora o que dava mais ao governador francês que estava assistindo neste Lugar de Olhão; se algum passageiro ia para fora do Algarve, lhe havia de pagar de tributo quatrocentos réis, chegando a tanto que, dos nossos soldados, fazendo dos mais moços e melhores trinta e tantos mil homens, os remeteu para França, onde chegaram até Salamanca e por lá ficaram.

Vendo-se estes miseráveis marítimos, por todas as partes, por mar e por terra, com tantos tributos, em miserável estado, vendendo as suas roupas e alfaias de casa, quase dadas, quase menos pela metade, perdendo muitos dias de irem ao mar pelas encomendas que o francês lhes dava, e mais era que parecia que o Nosso Senhor e o próprio mar estava contra eles, que iam dias e dias ao mar e não matavam nada, que parecia que se tinha secado todo o mar e todo o peixe no mar, que apenas por serem muitos



barcos pescadores é que matavam algum peixe e ia muito barato por causa das poucas ganhanças que havia tanto no mar como na terra, e o peixe não ter saída para o Reino e fora dele, chegando a tanto a maldade desta nação que em todo este Reino mandando derrubar abaixo as nossas armas reais, de que em várias cidades, vilas, povos e lugares fortalezas se deitaram abaixo e outras picadas e outras tapadas com painéis e outras com cal e pedra.<sup>13</sup> Desta sorte estava este miserável Reino e seus vassalos oprimidos. Chegou a tanto a maldade deste tirano Imperador Bonaparte que tendo róda a Espanha por sua, o que ele queria se fazia, e fingindo que queria tratar certos negócios com o Rei de Espanha e seu filho o Príncipe D. Fernando e com as mais Pessoas Reais e tratar certos negócios do Reino, nas raias de França e debaixo daquela paz como estavam com o seu leal amigo já há muitos séculos de anos, partiram da Corte de Madrid todas as Pessoas Reais, levando consigo muitos fidalgos e secretários e tudo o mais que lhe era preciso a tal Senhor. Chegados que foram às raias de França, o banquete que lhes deu foi aprisioná-los, a todas as Pessoas Reais e tudo o mais que levavam em sua companhia, e conduzindo tudo logo para França prisioneiros, onde estão tratados como umas pessoas mal-nascidas, sem horas e sem mando.<sup>14</sup> Sabendo-se em Espanha esta falsidade se levantaram, onde foi o primeiro levantamento na nobre e leal cidade de Sevilha, como bons fiéis vassalos.<sup>15</sup>

Os marítimos deste Lugar de Olhão, como bons fiéis vassalos a tão bom Senhor como tínhamos, o Príncipe-Regente D. João nosso Senhor, vendo-se em tantas misérias e necessidades como foram notórias, e principalmente este Lugar de Olhão sendo uma das terras deste Reino do Algarve que lhe foram carregados mais tributos, chegando mais que até o Governador francês que estava mandando e governando este povo obrigava este Compromisso lhe dar peixe todos os dias por deixar ir os pescadores ao mar a pescar, e não os deixava ir senão alto dia com sol e vir com sol, sendo que se alguém não viesse a horas os mandaria prender e remetê-los ao seu Bonaparte em França, e que eram falsos que iam vender peixe aos ingleses e dar todas as notícias do que se passava

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41  
42  
43  
44  
45  
46  
47  
48  
49  
50  
51  
52  
53  
54  
55  
56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66  
67  
68  
69  
70  
71  
72  
73  
74  
75  
76  
77  
78  
79  
80  
81  
82  
83  
84  
85  
86  
87  
88  
89  
90  
91  
92  
93  
94  
95  
96  
97  
98  
99  
100  
101  
102  
103  
104  
105  
106  
107  
108  
109  
110  
111  
112  
113  
114  
115  
116  
117  
118  
119  
120  
121  
122  
123  
124  
125  
126  
127  
128  
129  
130  
131  
132  
133  
134  
135  
136  
137  
138  
139  
140  
141  
142  
143  
144  
145  
146  
147  
148  
149  
150  
151  
152  
153  
154  
155  
156  
157  
158  
159  
160  
161  
162  
163  
164  
165  
166  
167  
168  
169  
170  
171  
172  
173  
174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189  
190  
191  
192  
193  
194  
195  
196  
197  
198  
199  
200  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215  
216  
217  
218  
219  
220  
221  
222  
223  
224  
225  
226  
227  
228  
229  
230  
231  
232  
233  
234  
235  
236  
237  
238  
239  
240  
241  
242  
243  
244  
245  
246  
247  
248  
249  
250  
251  
252  
253  
254  
255  
256  
257  
258  
259  
260  
261  
262  
263  
264  
265  
266  
267  
268  
269  
270  
271  
272  
273  
274  
275  
276  
277  
278  
279  
280  
281  
282  
283  
284  
285  
286  
287  
288  
289  
290  
291  
292  
293  
294  
295  
296  
297  
298  
299  
300  
301  
302  
303  
304  
305  
306  
307  
308  
309  
310  
311  
312  
313  
314  
315  
316  
317  
318  
319  
320  
321  
322  
323  
324  
325  
326  
327  
328  
329  
330  
331  
332  
333  
334  
335  
336  
337  
338  
339  
340  
341  
342  
343  
344  
345  
346  
347  
348  
349  
350  
351  
352  
353  
354  
355  
356  
357  
358  
359  
360  
361  
362  
363  
364  
365  
366  
367  
368  
369  
370  
371  
372  
373  
374  
375  
376  
377  
378  
379  
380  
381  
382  
383  
384  
385  
386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440  
441  
442  
443  
444  
445  
446  
447  
448  
449  
450  
451  
452  
453  
454  
455  
456  
457  
458  
459  
460  
461  
462  
463  
464  
465  
466  
467  
468  
469  
470  
471  
472  
473  
474  
475  
476  
477  
478  
479  
480  
481  
482  
483  
484  
485  
486  
487  
488  
489  
490  
491  
492  
493  
494  
495  
496  
497  
498  
499  
500  
501  
502  
503  
504  
505  
506  
507  
508  
509  
510  
511  
512  
513  
514  
515  
516  
517  
518  
519  
520  
521  
522  
523  
524  
525  
526  
527  
528  
529  
530  
531  
532  
533  
534  
535  
536  
537  
538  
539  
540  
541  
542  
543  
544  
545  
546  
547  
548  
549  
550  
551  
552  
553  
554  
555  
556  
557  
558  
559  
560  
561  
562  
563  
564  
565  
566  
567  
568  
569  
570  
571  
572  
573  
574  
575  
576  
577  
578  
579  
580  
581  
582  
583  
584  
585  
586  
587  
588  
589  
590  
591  
592  
593  
594  
595  
596  
597  
598  
599  
600  
601  
602  
603  
604  
605  
606  
607  
608  
609  
610  
611  
612  
613  
614  
615  
616  
617  
618  
619  
620  
621  
622  
623  
624  
625  
626  
627  
628  
629  
630  
631  
632  
633  
634  
635  
636  
637  
638  
639  
640  
641  
642  
643  
644  
645  
646  
647  
648  
649  
650  
651  
652  
653  
654  
655  
656  
657  
658  
659  
660  
661  
662  
663  
664  
665  
666  
667  
668  
669  
670  
671  
672  
673  
674  
675  
676  
677  
678  
679  
680  
681  
682  
683  
684  
685  
686  
687  
688  
689  
690  
691  
692  
693  
694  
695  
696  
697  
698  
699  
700  
701  
702  
703  
704  
705  
706  
707  
708  
709  
710  
711  
712  
713  
714  
715  
716  
717  
718  
719  
720  
721  
722  
723  
724  
725  
726  
727  
728  
729  
730  
731  
732  
733  
734  
735  
736  
737  
738  
739  
740  
741  
742  
743  
744  
745  
746  
747  
748  
749  
750  
751  
752  
753  
754  
755  
756  
757  
758  
759  
760  
761  
762  
763  
764  
765  
766  
767  
768  
769  
770  
771  
772  
773  
774  
775  
776  
777  
778  
779  
779  
780  
781  
782  
783  
784  
785  
786  
787  
788  
789  
789  
790  
791  
792  
793  
794  
795  
796  
797  
798  
799  
800  
801  
802  
803  
804  
805  
806  
807  
808  
809  
809  
810  
811  
812  
813  
814  
815  
816  
817  
818  
819  
819  
820  
821  
822  
823  
824  
825  
826  
827  
828  
829  
829  
830  
831  
832  
833  
834  
835  
836  
837  
838  
839  
839  
840  
841  
842  
843  
844  
845  
846  
847  
848  
849  
849  
850  
851  
852  
853  
854  
855  
856  
857  
858  
859  
859  
860  
861  
862  
863  
864  
865  
866  
867  
868  
869  
869  
870  
871  
872  
873  
874  
875  
876  
877  
878  
879  
879  
880  
881  
882  
883  
884  
885  
886  
887  
888  
889  
889  
890  
891  
892  
893  
894  
895  
896  
897  
898  
899  
900  
901  
902  
903  
904  
905  
906  
907  
908  
909  
909  
910  
911  
912  
913  
914  
915  
916  
917  
918  
919  
919  
920  
921  
922  
923  
924  
925  
926  
927  
928  
929  
929  
930  
931  
932  
933  
934  
935  
936  
937  
938  
939  
939  
940  
941  
942  
943  
944  
945  
946  
947  
948  
949  
949  
950  
951  
952  
953  
954  
955  
956  
957  
958  
959  
959  
960  
961  
962  
963  
964  
965  
966  
967  
968  
969  
969  
970  
971  
972  
973  
974  
975  
976  
977  
978  
979  
979  
980  
981  
982  
983  
984  
985  
986  
987  
988  
989  
989  
990  
991  
992  
993  
994  
995  
996  
997  
998  
999  
1000  
1001  
1002  
1003  
1004  
1005  
1006  
1007  
1008  
1009  
1009  
1010  
1011  
1012  
1013  
1014  
1015  
1016  
1017  
1018  
1019  
1019  
1020  
1021  
1022  
1023  
1024  
1025  
1026  
1027  
1028  
1029  
1029  
1030  
1031  
1032  
1033  
1034  
1035  
1036  
1037  
1038  
1039  
1039  
1040  
1041  
1042  
1043  
1044  
1045  
1046  
1047  
1048  
1049  
1049  
1050  
1051  
1052  
1053  
1054  
1055  
1056  
1057  
1058  
1059  
1059  
1060  
1061  
1062  
1063  
1064  
1065  
1066  
1067  
1068  
1069  
1069  
1070  
1071  
1072  
1073  
1074  
1075  
1076  
1077  
1078  
1079  
1079  
1080  
1081  
1082  
1083  
1084  
1085  
1086  
1087  
1088  
1089  
1089  
1090  
1091  
1092  
1093  
1094  
1095  
1096  
1097  
1098  
1099  
1100  
1101  
1102  
1103  
1104  
1105  
1106  
1107  
1108  
1109  
1109  
1110  
1111  
1112  
1113  
1114  
1115  
1116  
1117  
1118  
1119  
1119  
1120  
1121  
1122  
1123  
1124  
1125  
1126  
1127  
1128  
1129  
1129  
1130  
1131  
1132  
1133  
1134  
1135  
1136  
1137  
1138  
1139  
1139  
1140  
1141  
1142  
1143  
1144  
1145  
1146  
1147  
1148  
1149  
1149  
1150  
1151  
1152  
1153  
1154  
1155  
1156  
1157  
1158  
1159  
1159  
1160  
1161  
1162  
1163  
1164  
1165  
1166  
1167  
1168  
1169  
1169  
1170  
1171  
1172  
1173  
1174  
1175  
1176  
1177  
1178  
1179  
1179  
1180  
1181  
1182  
1183  
1184  
1185  
1186  
1187  
1188  
1189  
1189  
1190  
1191  
1192  
1193  
1194  
1195  
1196  
1197  
1198  
1199  
1199  
1200  
1201  
1202  
1203  
1204  
1205  
1206  
1207  
1208  
1209  
1209  
1210  
1211  
1212  
1213  
1214  
1215  
1216  
1217  
1218  
1219  
1219  
1220  
1221  
1222  
1223  
1224  
1225  
1226  
1227  
1228  
1229  
1229  
1230  
1231  
1232  
1233  
1234  
1235  
1236  
1237  
1238  
1239  
1239  
1240  
1241  
1242  
1243  
1244  
1245  
1246  
1247  
1248  
1249  
1249  
1250  
1251  
1252  
1253  
1254  
1255  
1256  
1257  
1258  
1259  
1259  
1260  
1261  
1262  
1263  
1264  
1265  
1266  
1267  
1268  
1269  
1269  
1270  
1271  
1272  
1273  
1274  
1275  
1276  
1277  
1278  
1279  
1279  
1280  
1281  
1282  
1283  
1284  
1285  
1286  
1287  
1288  
1289  
1289  
1290  
1291  
1292  
1293  
1294  
1295  
1296  
1297  
1298  
1299  
1299  
1300  
1301  
1302  
1303  
1304  
1305  
1306  
1307  
1308  
1309  
1309  
1310  
1311  
1312  
1313  
1314  
1315  
1316  
1317  
1318  
1319  
1319  
1320  
1321  
1322  
1323  
1324  
1325  
1326  
1327  
1328  
1329  
1329  
1330  
1331  
1332  
1333  
1334  
1335  
1336  
1337  
1338  
1339  
1339  
1340  
1341  
1342  
1343  
1344  
1345  
1346  
1347  
1348  
1349  
1349  
1350  
1351  
1352  
1353  
1354  
1355  
1356  
1357  
1358  
1359  
1359  
1360  
1361  
1362  
1363  
1364  
1365  
1366  
1367  
1368  
1369  
1369  
1370  
1371  
1372  
1373  
1374  
1375  
1376  
1377  
1378  
1379  
1379  
1380  
1381  
1382  
1383  
1384  
1385  
1386  
1387  
1388  
1389  
1389  
1390  
1391  
1392  
1393  
1394  
1395  
1396  
1397  
1398  
1399  
1399  
1400  
1401  
1402  
1403  
1404  
1405  
1406  
1407  
1408  
1409  
1409  
1410  
1411  
1412  
1413  
1414  
1415  
1416  
1417  
1418  
1419  
1419  
1420  
1421  
1422  
1423  
1424  
1425  
1426  
1427  
1428  
1429  
1429  
1430  
1431  
1432  
1433  
1434  
1435  
1436  
1437  
1438  
1439  
1439  
1440  
1441  
1442  
1443  
1444  
1445  
1446  
1447  
1448  
1449  
1449  
1450  
1451  
1452  
1453  
1454  
1455  
1456  
1457  
1458  
1459  
1459  
1460  
1461  
1462  
1463  
1464  
1465  
1466  
1467  
1468  
1469  
1469  
1470  
1471  
1472  
1473  
1474  
1475  
1476  
1477  
1478  
1479  
1479  
1480  
1481  
1482  
1483  
1484  
1485  
1486  
1487  
1488  
1489  
1489  
1490  
1491  
1492  
1493  
1494  
1495  
1496  
1497  
1498  
1499  
1499  
1500  
1501  
1502  
1503  
1504  
1505  
1506  
1507  
1508  
1509  
1509  
1510  
1511  
1512  
1513  
1514  
1515  
1516  
1517  
1518  
1519  
1519  
1520  
1521  
1522  
1523  
1524  
1525  
1526  
1527  
1528  
1529  
1529  
1530  
1531  
1532  
1533  
1534  
1535  
1536  
1537  
1538  
1539  
1539  
1540  
1541  
1542  
1543  
1544  
1545  
1546  
1547  
1548  
1549  
1549  
1550  
1551  
1552  
1553  
1554  
1555  
1556  
1557  
1558  
1559  
1559  
1560  
1561  
1562  
1563  
1564  
1565  
1566  
1567  
1568  
1569  
1569  
1570  
1571  
1572  
1573  
1574  
1575  
1576  
1577  
1578  
1579  
1579  
1580  
1581  
1582  
1583  
1584  
1585  
1586  
1587  
1588  
1589  
1589  
1590  
1591  
1592  
1593  
1594  
1595  
1596  
1597  
1598  
1599  
1599  
1600  
1601  
1602  
1603  
1604  
1605  
1606  
1607  
1608  
1609  
1609  
1610  
1611  
1612  
1613  
1614  
1615  
1616  
1617  
1618  
1619  
1619  
1620  
1621  
1622  
1623  
1624  
1625  
1626  
1627  
1628  
1629  
1629  
1630  
1631  
1632  
1633  
1634  
1635  
1636  
1637  
1638  
1639  
1639  
1640  
1641  
1642  
1643  
1644  
1645  
1646  
1647  
1648  
1649  
1649  
1650  
1651  
1652  
1653  
1654  
1655  
1656  
1657  
1658  
1659  
1659  
1660  
1661  
1662  
1663  
1664  
1665  
1666  
1667  
1668  
1669  
1669  
1670  
1671  
1672  
1673  
1674  
1675  
1676  
1677  
1678  
1679  
1679  
1680  
1681  
1682  
1683  
1684  
1685  
1686  
1687  
1688  
1689  
1689  
1690  
1691  
1692  
1693  
1694  
1695  
1696  
1697  
1698  
1699  
1699  
1700  
1701  
1702  
1703  
1704  
1705  
1706  
1707  
1708  
1709  
1709  
1710  
1711  
1712  
1713  
1714  
1715  
1716  
1717  
1718  
1719  
1719  
1720  
1721  
1722  
1723  
1724  
1725  
1726  
1727  
1728  
1729  
1729  
1730  
1731  
1732  
1733  
1734  
1735  
1736  
1737  
1738  
1739  
1739  
1740  
1741  
1742  
1743  
1744  
1745  
1746  
1747  
1748  
1749  
1749  
1750  
1751  
1752  
1753  
1754  
1755  
1756  
1757  
1758  
1759  
1759  
1760  
1761  
1762  
1763  
1764  
1765  
1766  
1767  
1768  
1769  
1769  
1770  
1771  
1772  
1773  
1774  
1775  
1776  
1777  
1778  
1779  
1779  
1780  
1781  
1782  
1783  
1784  
1785  
1786  
1787  
1788  
1789  
1789  
1790  
1791  
1792  
1793  
1794  
1795  
1796  
1797  
1798  
1799  
1799  
1800  
1801  
1802  
1803  
1804  
1805  
1806  
1807  
1808  
1809  
1809  
1810  
1811  
1812  
1813  
1814  
1815  
1816  
1817  
1818  
1819  
1819  
1820  
1821  
1822  
1823  
1824  
1825  
1826  
1827  
1828  
1829  
1829  
1830  
1831  
1832  
1833  
1834  
1835  
1836  
1837  
1838  
1839  
1839  
1840  
1841  
1842  
1843  
1844  
1845  
1846  
1847  
1848  
1849  
1849  
1850  
1851  
1852  
1853  
1854  
1855  
1856  
1857  
1858  
1859  
1859  
1860  
1861  
1862  
1863  
1864  
1865  
1866  
1867  
1868  
1869  
1869  
1870  
1871  
1872  
1873  
1874  
1875  
1876  
1877  
1878  
1879  
1879  
1880  
1881  
1882  
1883  
1884  
1885  
1886  
1887  
1888  
1889  
1889  
1890  
1891  
1892  
1893  
1894  
1895  
1896  
1897  
1898  
1899  
1899  
1900  
1901  
1902  
1903  
1904  
1905  
1906  
1907  
1908  
1909  
1909  
1910  
1911  
1912  
1913  
1914  
1915  
1916  
1917  
1918  
1919  
1919  
1920  
1921  
1922  
1923  
1924  
1925  
1926  
1927  
1928  
1929  
1929  
1930  
1931  
1932  
1933  
1934  
1935  
1936  
1937  
1938  
1939  
1939  
1940  
1941  
1942  
1943  
1944  
1945  
1946  
1947  
1948  
1949  
1949  
1950  
1951  
1952  
1953  
1954  
1955  
1956  
1957  
1958  
1959  
1959  
1960  
1961  
1962  
1963  
1964  
1965  
1966  
1967  
1968  
1969  
1969  
1970  
1971  
1972  
1973  
1974  
1975  
1976  
1977  
1978  
1979  
1979  
1980  
1981  
1982  
1983  
1984  
1985  
1986  
1987  
1988  
1989  
1989  
1990  
1991  
1992  
1993  
1994  
1995  
1996  
1997  
1998  
1999  
1999  
2000  
2001  
2002  
2003  
2004  
2005  
2006  
2007  
2008  
2009  
2009  
2010  
2011  
2012  
2013  
2014  
2015  
2016  
2017  
2018  
2019  
2019  
2020  
2021  
2022  
2023  
2024  
2025  
2026  
2027  
2028  
2029  
2029  
2030  
2031  
2032  
2033  
2034  
2035  
2036  
2037  
2038  
2039  
2039  
2040  
2041  
2042  
2043  
2044  
2045  
2046  
2047  
2048  
2049  
2049  
2050  
2051  
2052  
2053  
2054  
2055  
2056  
2057  
2058  
2059  
2059  
2060  
2061  
2062  
2063  
2064  
2065  
2066  
2067  
2068  
2069  
2069  
2070  
2071  
2072  
2073  
2074  
2075  
2076  
2077  
2078  
2079  
2079  
2080  
2081  
2082  
2083  
2084  
2085  
2086  
2087  
2088  
2089  
2089  
2090  
2091  
2092  
2093  
2094  
2095  
2096  
2097  
2098  
2099  
2099  
2100  
2101  
2102  
2103  
2104  
2105  
2106  
2107  
2108  
2109  
2109  
2110  
2111  
2112  
2113  
2114  
2115  
2116  
2117  
2118<br

em terra, e para acautelar tudo isto se lhe dava o dito peixe para não padecer ninguém; estes nobres marítimos deste Lugar de Olhão, nem com todos estes trabalhos, necessidades e misérias que passavam perderam o amor e a lealdade ao nosso amável Príncipe, pois bem conheciam que ele de nada disto era culpado e por tanto amor e lealdade que lhe tinham e a todas as Pessoas Reais e à Pátria, e o sangue português que circulava por suas veias como bons e fiéis vassalos a tão bom Senhor, olhando sempre para aquela nação francesa com olhos de veneno e má vontade, como eles diziam em Faro que a gente deste Lugar era má gente que nunca olhava para eles com olhos direitos.

Nosso Senhor Jesus Cristo, que tão altos são os seus divinos olhos de misericórdia, e como tem escolhido este Reino para tronco da cristandade, e querendo-o livrar desta nação francesa, olhando-nos com seus divinos olhos de misericórdia, caso prometido por Deus: Sucede que no dia doze de Junho de 1808, véspera do nosso Santo António português, cuja imagem temos na nossa Capela deste Compromisso, lhe irem armaz Capela para no seu dia treze se celebrar a sua festa, e de repente, olhando para as armas reais que estão na dita Capela, na Igreja, que se achavam já há muitos meses tapadas e pregadas com pregos com um painel de Nossa Senhora da Conceição, o escrivão deste Compromisso, João da Rosa, as destapara e as pusera a público, sem olhar a mais nada, confiado em Deus e Nossa Senhora da Conceição e no nosso Santo António. Vindo o dia 13, dia do nosso Santo António, vindo o povo deste Lugar à missa, vendo as armas reais destapadas, se lhe infundiu na alma e no coração aquele amor e lealdade, como bons e fiéis vassalos a tão bom Senhor. Todas as embarcações na praia em terra levantaram a bandeira portuguesa acima, sem temerem o inimigo nem a mais nada senão a sua liberdade e serem fiéis ao nosso amado Príncipe, de quem tinham recebido tantas mercês e favores. Sucede no dia dezasseis de Junho, dia de gloriada memória de 1808, dia de Corpo de Deus,<sup>17</sup> pelas dez horas e meia do dia, tocando-se à missa do dia, estarem muitos marítimos e mais povo no adro da igreja para ouvirem a missa, e chegar José Lopes, governador da

per a libranze d'una lara d'oro e a canti monete d'argento  
and' una may que vale un cent may o pess, los lodos emborciados  
rey enyquieron a fuder a Englande, outside toas byzantinis  
Salones yste lugar nende aydites vnde de y basto que fizo  
bara nova que se vendio a Alfonso X re d' Aragona et  
estraio que puz contra puz nuda canti un balando y pala  
vendendo fumus y pladado con le hille mercantil lujo  
vales embora tan traçau mudo. Poch y basto luciu con  
de englos que fazeua multada refrigerante para un  
reymundus alquimie officie con ressalto comalgau com  
malo heroy multos que naç vident dor hiso et ademey  
noz mandando nasa la cintas ayng lo poy engre  
gante folas amede d'orando se alapita se bañan d'oro  
eloyas de pade d'oru e yte lebado que hille se hien  
bystar ayuilla mestre que o mas en face lecantado con  
offrandas ayng mon maylo e Aydentudo que hien o d'oro  
para de leon solas ayng lugaz contra enemigo, pera haue  
alcanzar 130 opprimenti combatendo hille myriodis  
bans segun hien mylos trovadas poy que trinha a le bado  
supado a los tros, dy le leys e amete regado d'oro abra ayng  
120 de los mets contado e vencionalmente qte lugaz, et haue  
deos armes extremas dedicas fideli suy, prouoqg que heras, u  
nos uellos a inde, pures lamente tropan, frankins que glori  
nelli, eddo gobernador que hien, may elas des hilloz de  
ly mylos entre gande yta e nos qdios qf heroy d'oro  
aygu latira que ayng l'oro mylo lugaz, ayng bando qf le  
army, body, fliscas mets le combatey, forty leons segun bado  
numellor poy heroy, dy may forte que hauele en mundo qf  
le mylos des le mets, a le de danza Perito que tembe 200  
zule qf generos frances que estaua conforto, l'oro de d'oro que  
ha de faze para faceta nella ayng d'oro e bando humay  
capay para faze, faborde qf que boy rebello latuera e uide  
para faze l'ayng d'oro dy signore d'oro leon, may leon  
dy nro, frankay constante nro d'oro y nro de le bado  
y nro de dy lugaz come boy poy multos porciones qf  
l'ayng poy d'oro, quanto a barra nra de mets solo t'q  
vales enzozu heras t'q que hille triste de t'q vales  
to bando e venguento latuera ande le mets f'le poy  
yte mylos lugaz ande p'z de mets qf latuera qf le f'le poy  
frances qf le officie, el sol negra, mets Perito  
no me qf le z'z, frankay constante qf que hille d'oro  
y qf que hille qf le ayng lugaz qf le f'le poy d'oro  
e venguento mets le latuera que qf le f'le poy d'oro  
que p'z de mets qf le f'le poy latuera qf le  
f'le poy d'oro qf le f'le poy latuera qf le f'le poy

Vila Real, a quem eles já tinham chamado a si por este se ter ausentado de Vila Real para não estar sujeito ao francês, vindo assistir neste Lugar sem mando, mais a sua família,<sup>19</sup> e todos juntos, estando um edital francês que tinha mandado o General francês de Lisboa, chamado Junot, pregado à porta da Igreja e outro no pelourinho,<sup>20</sup> prometendo muitas promessas e ameaças a todos os que não quisessem, e pedindo nele auxílios a nós portugueses, este José Lopes, fazendo uma fala a este povo e principalmente a nós mareantes, dizendo que já não havia homens do mar marítimos como os antigos, eles todos juntos a uma voz lhe responderam que eles eram homens como os seus antecessores e bons fiéis e leais vassalos a Sua Majestade e que por ele queriam morrer e dar até a última pinga de sangue do seu corpo, dizendo mais que os mandasse e governasse como seu chefe, que para tudo estavam prontos e mais que prontos. E logo sem mais demora, correndo cada um quem mais podia a rasgar o edital que estava pregado na porta da Igreja e o fizeram em bocadinhos e o pisaram aos pés, outros logo correndo ao pelourinho a fazer o mesmo ao outro edital, outros subindo à torre tocar o sino a rebate, e logo todos juntos a uma voz clamaram dizendo "Viva Sua Majestade, viva o Príncipe-Regente Nosso Senhor D. João de Portugal, viva toda a Família Real, viva todos os nossos governos portugueses que foram fiéis ao nosso amado Príncipe, morra toda a nação francesa", e logo se arvorou as armas do nosso Portugal, e correndo pelas ruas em altas vozes clamando "Viva o nosso amado Príncipe", o que todo o povo seguiu a mesma voz e logo todos, a quem mais prestes correndo, embarcando-se em barcos, deitando-se ao mar assim como estavam vestidos, sem olharem a mais nada, embarcando em barcos uns à Barra Grande e outros à Barra Nova<sup>21</sup> a buscar as peças e algumas munições e pólvora para nos defendermos do inimigo, e os que cá ficaram era tanta alegria e prazer que havia na terra, todos pegando nas armas que havia na terra, que eram forcados, físgas, besteiros e paus, espadas velhas, espadins, paus, pedras, tanto faziam homens como mulheres, rapazes, raparigas, até o mesmo pároco da igreja e os padres, todos dizendo em altas vozes "Queremos morrer pelo nosso



amado Príncipe e toda a Família Real". E todos unidos a uma voz e a uma vontade, dispostos a todos os perigos, embarcados em barcos a quem mais podia embarcar, os da Barra Grande chegando à cabana do guarda do Forte da Barra Grande, que se achava comandando o Sargento Jacinto Ramalho Ortigão, o que este oficial, como bom fiel vassalo a Sua Majestade, logo entregou a eles marítimos tudo o que lá tinha em seu poder, sem pôr a menor dúvida, que constava de duas peças de bronze, uma caixa de pólvora e mais munições, e chegando ainda mais que ele mesmo mais os seus soldados embarcaram dos barcos e nos vieram ajudar, assistindo em tudo como bons e fiéis vassalos, a socorrer este Lugar aonde assistiram em tudo; os barcos que foram à Barra Nova, que comandava o tenente José Alberto, obrando pelo contrário, não quis entregar nada, antes embolando as peças e mandando formar soldados contra eles mareantes, os quais se vietaram embora sem trazerem nada. Outros barcos que foram à armada inglesa, que se achava ancorada na Figueirita,<sup>22</sup> para ver se nos mandava algum auxílio ou nos socorria com algum armamento, lhes responderam que não podiam dar isso e se tinhamos nós mantimentos para sustentar as suas tropas inglesas. Largando foram a Ayamonte, topando lá o Capitão Sebastião Martins Mestre,<sup>23</sup> da cidade de Tavira, este sabendo o que eles lá iam buscar, e juntamente que Olhão estava levantado contra os franceses, os estimou muito e lhes deu tudo o que era preciso para darem socorro a este Lugar contra o inimigo, e por sua via alcançaram 130 espingardas, e embarcando ele mesmo no dito barco, de que era mestre Cristóvão Gomes, que tinha acabado o ano passado de ser juiz deste Compromisso, chegando todos a terra a este Lugar todos muito contentes, e principalmente este Lugar, por se achar sem armas entremeio de duas cidades inimigas que lhe não podiam valer ainda por via das muitas tropas francesas que estavam nelas.<sup>24</sup> O dito governador José Lopes, mais o Capitão Sebastião Martins Mestre, entregando estas espingardas aos homens do mar e alguns da terra que assistiam neste Lugar, recebendo as ditas armas todos ficaram muito contentes e fortes, como se estivessem na melhor praça de armas das mais fortes que

de la otra sección de los gallos que nacieron en el año anterior  
que hoy ya tienen 18 meses y están en plena floración. Los  
que nacieron en el año anterior que hoy ya tienen 18 meses y están  
en plena floración son los que hoy se han criado en el año anterior  
y que hoy están seguros de que nacieron en el año anterior.  
En el año anterior que hoy ya tienen 18 meses y están en plena  
floración se han criado en el año anterior que hoy ya tienen 18 meses  
y están en plena floración.

houvesse no mundo. Neste mesmo dia tomámos o coche da nossa Rainha, que tinha trazido o General francês que estava em Faro, trazido de Lisboa, que ia de Faro para Tavira pela estrada de cima a buscar umas francesas para Faro. Sabendo-se que três chavecos<sup>25</sup> de Tavira vinham para Faro carregados de trastes de guerra e outras coisas mais, encamadas pelos franceses, entrando pela Barra Grande se embarcaram os marítimos deste Lugar, como bons, fiéis e valorosos portugueses, em barcos pescadores, e junto à Barra Nova tomaram todos os três chavecos e aprisionaram tudo o que eles tinham tirado ao Regimento de Lagos e ao Regimento de Tavira, onde trouxeram tudo para este mesmo Lugar, onde aprisionámos setenta e sere soldados franceses, quatro oficiais e um quartel-mestre;<sup>26</sup> em terra aprisionámos três correios franceses com cartas que traziam de Lisboa. Chegados que foram os chavecos a este Lugar, os prendemos a todos e principalmente sabendo-se que estes soldados e estas bagagens vinham para Faro em socorro das tropas francesas que se achavam em Faro e que tinham medo que os filhos de Olhão os fossem atacar a Faro, de sorte que juntassem em Faro, pelas estradas que vêm para Olhão, peças de artilharia. O General francês, logo que no mesmo dia soube que Olhão estava levantado, mandou ordens a Tavira e a Vila Real para virem para Faro todos juntos, para virem arrasar Olhão e passarem tudo à espada. Já a este tempo nós tudo sabíamos por via de três piquetes que lhes tínhamos apanhado com cartas que diziam isto mesmo; os valorosos marítimos e mais algumas pessoas da terra que assistiam neste Lugar de Olhão nada disco lhes metera medo nem abalo, antes lhes mereu mais ânimos, de sorte que sabendo-se neste Lugar, por piquetes que trazíamos, que tinham chegado a Moncarapacho pelo meio-dia as tropas francesas, as fomos esperar à Ponte de Quelfes, onde começámos a atirar os primeiros tiros e os fomos perseguindo em peleja entre os matos do Joinal, matando-lhes dezoito soldados franceses, fora doze feridos entrando em Faro estrupiados. Vendo o General francês da sorte que Olhão estava da sua tropa maltratada, mandando um piquete a este Lugar dizendo que o seu Imperador Bonaparte nos daria muitos dobrados privilégiós dos que

que o combate deve ser feito com a menor morte possivel  
que é de 15 a 20% da vida útil da máquina. O desempenho da máquina é obtido  
com base na taxa de consumo de energia, que é a razão entre a energia consumida e a energia produzida.  
A taxa de consumo de energia é dada por:  
$$T = \frac{P}{E} = \frac{\dot{W}}{Q}$$
  
onde:  
 $P$  é a potência útil, em watts;  
 $E$  é a energia consumida, em joules;  
 $\dot{W}$  é a taxa de consumo de energia, em watts.  
A taxa de consumo de energia é inversamente proporcional ao desempenho da máquina.  
A taxa de consumo de energia é dada por:  
$$T = \frac{P}{E} = \frac{\dot{W}}{Q}$$
  
onde:  
 $P$  é a potência útil, em watts;  
 $E$  é a energia consumida, em joules;  
 $\dot{W}$  é a taxa de consumo de energia, em watts.

José Gómez

*Quia de huma Preveni  
et Remendo a Pau velho das Minas  
que nõ se vê aí, que tem no fundo  
do Córrego das Araras fizeram os  
que fizeram a Serraria para que  
Dom São joão de  
Pompeia fizesse a Serraria para que*

tinhamos do nosso Rei e não pagariamos tributos nenhum, seríamos livres de todos os direitos, isentos de tudo, e que o seu Imperador seria nosso amigo, que nos perdoaria tudo, que seria nosso amigo, que faria tudo como nós quiséssemos, que esperava de nós este favor e que lhe mandássemos a resposta por escrito. Esta embaixada mandou ele General francês a um hortelão de uma horta de Faro, e seu irmão provedor francês a trouxe e a deu ao tal hortelão, ele ficou à Meia-Légua esperando pela nossa resposta, porque neste tempo tudo quanto vinha de Faro se aprisionava.<sup>27</sup> Dada a resposta por escrito, cujo se escreveu em casa do pároco deste Lugar, o Padre António de Matos Malveirô,<sup>28</sup> o qual foi muito valoroso e fiel vassalo, pois era o primeiro que se achava em tudo o que era preciso, concorrendo em tudo o que era preciso de sua casa, socorrendo os pobres e metendo muito ânimo a todos, pregando pela ruas e na Igreja, dispondo muitas vezes o venerável sacramento, em cuja resposta respondeu o povo todo junto a uma voz e resoluto que não queriam reconhecer o Bonaparte por seu Rei, senão o Príncipe Dom João de Portugal e toda a mais Família Real, e que não se queriam entregar nem queriam seus privilégios nem suas dádivas, que pelo seu Príncipe estavam prontos até à última pinga de sangue do seu corpo, se queria guerras que eles estavam prontos no campo, que viesse mais todos os franceses e todo Faro, que estavam prontos para tudo. Dada a resposta por escrito e a voz do povo, ido que foi o embaixador, mandando seu irmão o Governador francês trazendo obrigados à força da cidade de Faro o Dr. Corregedor Juiz de Fora e mais algumas pessoas particulares de Faro, vindo todos em seges e outros a cavalo a Torrejão de Cima,<sup>29</sup> porque na embaixada que se lhe deu fora o juiz deste Compromisso e o escrivão do mesmo assinados, e mandando chamar o dito juiz do Compromisso e mais oficiais, onde fora ter com eles levando em sua companhia o eleito mais velho, António Martins Calado, e mais algumas pessoas do povo, chegados que foram à sua presença o chamou para o pé de si com muito amor e carinho, e chamando-lhe bom pai de família, que ele era seu amigo, que fizesse com o seu povo que os acomodasse, que se fizesse tudo como nós

quiséssemos, que ele queria paz connosco, que se queríamos assim que pedissemos nós os fiadores que quiséssemos e seria tudo o que nós determinássemos, se queríamos assim no outro dia à Meia-Légua viria um tabelião fazer a escritura, se não quiséssemos fazer o que ele dizia seríamos todos passados à espada e Olhão arrasado para memória das mais terras. Estando nestas práticas chegou um piquete francês de cavalo, todo suado, a toda a pressa, a dar-lhe notícia que Faro estava levantado. E logo todos se foram embora para Faro, levando consigo a tropa francesa e alguma portuguesa obrigados à força, que vinham a combater com este Lugar de Olhão; chegando à hora de Caetano Domingues lhes fizeram fogo do alto os nossos portugueses, de que fugiram toitas as tropas francesas. Em Faro aprisionaram o General francês e mais alguns franceses, isto foi no dia dezanove de Junho no dito ano de 1808, pelas três horas e meia da tarde, de que se levantou Faro. Fugidas que foram as tropas francesas de Faro, passando nessa noite desviados deste Lugar, perdidos por essas fazendas com medo que tinhão da gente de Olhão, não tomindo estradas direitas toda a noite, deixando por cima desse Lugar, na estrada de São Bartolomeu, um obus mais uma peça, tudo encravado em muita pólvora escramalhada por essas estradas, entrando em Tavira pela manhã, cansados, estropiados do caminho e de não dormirem aquela noite, na tarde se formaram todos, onde se dizia que vinham arrasar Olhão e passar tudo à espada; formadas as tropas francesas, tomaram a Rua de São Lázaro pela estrada do Alentejo, e idos que saíram de Tavira se alevantou a cidade no dia vinte de Junho do dito anno acima.

Nestes dias todos que estivemos alevantados contra os franceses, não vinha pão nem nada de fora da terra para este Lugar nos sustentarmos a nós e mais quarenta e nove soldados pés-de-castelos<sup>30</sup> que nos ajudaram a nos defendermos, tanto fez de noite como de dia, todos nós pegados em armas das que havia sem ninguém descansar, com rebates de noite e de dia, nem se dormir. Além das muitas despesas que este Comptomissso tinha já feito nas tarimas, aquartelamentos e camas e tudo isto mais que lhe era preciso, obrigados pelo General francês a fazerem

tudo isto e o mesmo foi nas mais terras deste Reino e sem este Compromisso de todo em todo ter cinco réis, por causa que neste dias todos não ia ninguém ao mar nem ainda ao rio<sup>31</sup>, passando todos muitas necessidades por não irem ao mar nem haver condutos para nos sustentarmos, de sorte que muita gente dias e dias não comia nada por não ter para comprar pão e principalmente a tropa que nos ajudava, que foi necessário que os oficiais deste Compromisso, António Marrins Calado e mais outros, andassem pedindo pela terra pelo amor de Deus para os sustentarmos e lhes darmos naqueles dias o seu soldo por não morrerem à fome, e com todas estas necessidades que passámos parecia que Deus Nosso Senhor nos mantinha, porque havia dias que ninguém vinha comer a casa senão à pressa, à noite, e logo marchava para o campo a pôr-se pronto tudo em geralmente, e desta se deitaram as tropas francesas fora deste Reino do Algarve, ficando livre desta maldita nação<sup>32</sup>. Idos que foram deste Reino do Algarve, foram direitos a Beja, onde houve muitos mortos na nossa gente e muitas desgraças<sup>33</sup>, morrendo também muita gente francesa, e o mesmo fizeram em várias cidades do nosso Alentejo, muitas casas perdidas e famílias inteiras mortas, sabendo-se isto, vindo alguns oficiais nossos do Alentejo a este Algarve a pedir socorro, lhes foi socorrer o mesmo José Lopes levando gente deste Algarve e peças de Faro, os deitaram fora com ajuda das tropas espanholas que nos vieram ajudar a deitar fora, tomando o caminho as nossas tropas de Setúbal restaram, e mais terras tomadas que foram fizeram linha da banda do sul de Lisboa e saltando as tropas inglesas em terra por cima de Lisboa se deu o inglês por cima de Lisboa um combate ao francês em que lhe matou muita gente<sup>34</sup> e no dia 15 de Setembro se entregou Lisboa, do ano de mil oitocentos e oito, cujas tropas francesas os ingleses os meteram em navios e os mandaram pela barra fora<sup>35</sup>, e desta sorte ficou Portugal livre dos franceses, e que depois foi o mesmo José Lopes, já feito marechal de campo, com tropas portuguesas ajudar a Espanha a se defender dos franceses.

E por tudo isto ter sucedido neste Lugar de Olhão, atestamos e fazemos certo, e o que escrevemos de fora do que sucedeu nas mais terras por cartas que recebemos e

dito por pessoas de crédito e sabermos de certo tudo isto. Estes são os infelizes sucessos em que se viram este miserável Lugar de Olhão, tanto faz os homens do mar como os homens da terra que então assistiam neste Lugar de Olhão, reservando várias pessoas que fugiram nesta ocasião do combate e nos largaram neste conflito e se ausentaram para fora deste povo, o que presenciamos de vista e sabemos de certo como oficiais que então servíamos neste Real Compromisso, declarados: juiz, José Martins Micanó; eleito mais velho, António Martins Calado; recebedor, Lourenço da Costa; escrivão, João da Rosa; procurador, Francisco da Rocha; eleito mais moço, José dos Santos; mordomo, Fernando da Silva. De que fiz declaração como escrivão deste Real Compromisso para todo o tempo constar o sucedido. JOÃO DA ROSA

1. A Rainha D. Maria I subiu ao trono de Portugal em 25 de Fevereiro de 1777, sucedendo a seu pai, D. José I, que falecera no dia anterior. Em 10 de Fevereiro de 1792, o príncipe D. João (nascido em 1767) assumiu o governo do Reino, ainda sem o título de Regente, devido à doença mental da mãe. Por decreto de 15 de Julho de 1799 passou a Príncipe-Regente.

2. O Rei de Espanha, Carlos IV, era pai de D. Carlota Joaquina, com quem o Príncipe D. João casara em 8 de Maio de 1785.

3. Em 21 de Novembro de 1806, Napoleão decretou o bloqueio continental contra a Grã-Bretanha, pelo qual passavam a ser considerados inimigos da França os países que não fechassesem os portos à Grã-Bretanha e não cessassem com ela toda a actividade comercial.

4. O Príncipe-Regente D. João prometeu inicialmente encerrar os portos portugueses à navegação britânica, mas recusou-se a ordenar a prisão dos súbditos britânicos e a confiscar-lhes os bens, como lhe era exigido. Por fim, já sob a ameaça da invasão iminente, por decreto de 20 de Outubro de 1807 os portos do Reino foram mandados encerrar aos navios britânicos, mas esta medida não chegou a ser executada.

5. Com efeito, em 29 de Novembro de 1807 a nau Príncipe Real levantou ferro do Tejo, transportando a Rainha, o Príncipe-Regente e demais membros da família real, acompanhados pela maior parte da nobreza cortesã. A 7 de Março de 1808 chegaram ao Rio de Janeiro. Antes de embarcar, D. João recomendou que não se hostilizassem os franceses e que os acolhessem com cordialidade. Nomeou também um Conselho de Regência para governar o país em seu nome e encontro estivesse ausente no Brasil. No dia seguinte à partida, a 30 de Novembro, chegava a Lisboa o general Junot, comandante das forças invasoras francesas.

6. Conjuntamente com as tropas francesas, entraram em Portugal três divisões espanholas. O comandante de uma delas, D. Francisco Solano, ocupou Setúbal e diversas praças do Alentejo, como Elvas, Campo Maior e Estremoz. Ainda em Dezembro de 1807, este general espanhol ordenou a ocupação do Algarve, que se efectuou no mês seguinte, mas por pouco tempo, sendo em breve os espanhóis substituídos por franceses.

7. Em 23 de Fevereiro de 1808, logo após a partida das tropas espanholas, chegaram a Faro o general Mauriu, comandante militar, e Mr. Goguer, administrador civil, à frente de uma comitiva de cerca de 400 homens. Em finais de Março as forças francesas foram reforçadas com mais um milhar de homens. O quartel-general dos franceses em Faro estava instalado numas casas sitas no local onde hoje se encontra o Governo Civil.

8. O licenciamento e desarmamento das tropas algarvias começou de imediato, nomeadamente os Regimentos de Infantaria de Lagos e de Tavira.

9. Sobre estes tributos veja-se o que escreve Alberto Iria em *A Invasão de Junot no Algarve*, pp. 17 e segs.

10. Estas "lanchinhas" dedicavam-se à aparição da murraca (uma alga que se colhia na maré vazia e usada para ração de cavalgaduras) e da ameijoa.

11. Assistia tem o significado de residir. Como escreve Alberto Iria na obra citada, p. 17, Maurão caíra que as 5 cidades algarvias Faro, Tavira e Lagos "contribuissem para o chamado prato do governador, isto é, para o sustento da sua casa e estado, com a importante soma, para aquele tempo, de 1.200\$000 réis por mês".

12. A dízima correspondia à décima parte de todas as mercadorias compradas ou vendidas. Sobre o peixe pescado incidiam a dízima velha e a dízima nova, pelo que os encargos ascendiam a 20%.

13. Na sequência do decreto de 1 de Fevereiro de 1808, que dissolveu o Conselho de Regência, declarou a anexação da nação portuguesa à França e a abolição da Casa de Bragança. "A Casa de Bragança deixou de reinar em Portugal. O Imperador Napoleão quer que este belo país seja administrado e governado completamente em seu nome pelo General em chefe do seu exército", Junor mandou banir de todos os locais públicos as insignias e as armas reais portuguesas. A capela que o Compromisso Marítimo de Olhão possuía na Igreja matriz ostentava essas armas reais (ainda lá estão) e tinha por orago Nossa Senhora da Conceição, declarada padroeira de Portugal pelo primeiro monarca da Casa de Bragança, D. João IV.

14. Napoleão arranjou a Bayona, na fronteira franco-espanhola, o rei de Espanha Carlos IV e seu filho Fernando VII, sequestrou-os e em 8 de Maio de 1808 forçou ambos a renunciar ao trono, que passou para o irmão do próprio Napoleão, José I. No dia 2 de Maio anterior, o protesto popular contra a saída do rei de Madrid para Bayona produziu um sangrento levantamento, que foi brutalmente镇压ido pelos franceses.

15. Após os trágicos acontecimentos de Madrid, nos finais de Maio e inícios de Junho de 1808 ocorreram levantamentos anti-napoleónicos. O levantamento de Sevilha teve lugar em 26 de Maio e repercutiu amplamente por toda a Andaluzia. Nos dias seguintes estalaron insurreções em Cádis, Córdoba, Granada, Jaén e Málaga.

16. Uma esquadra britânica de dezassete vasos de guerra patrava ao largo da costa do Algarve e os franceses temeram o seu desembarque; donde a suspeição de que os pescadores de Olhão prestassem informações ao inimigo.

17. O Compromisso Marítimo de Olhão fora criado por alvará de D. José I, de 6 de Julho de 1765. O bispo do Algarve, D. Lourenço de Santa Maria, atribuiu-lhe, por provisão de 5 de Março de 1767, uma capela, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Por escritura pública outorgada em 18 de Maio de 1779, o Compromisso ajustou com o mais famoso entalhador algarvio da época, mestre Manuel Francisco Xavier, um retábulo em talha para essa capela (veja-se Francisco Lameira, *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro, 2000, p. 285). Como já se referiu, as armas reais portuguesas encimam o retábulo. Para além da imagem do orago, estava também colocada no retábulo uma imagem em madeira de Santo António, a qual pode ser hoje apreciada na exposição comemorativa dos 200 anos da Restauração.

18. Fériado religioso, portanto. O 16 de Junho de 1808 calhou a uma quinta-feira, como se cita do admirável livrinho do Dr. Francisco Fernandes Lopes, *Quer saber o dia-da-semana de qualquer data?*, Olhão, 1946.

19. O coronel José Lopes de Sousa, nascido em Lisboa em 1745, era governador da praça de Vila Real de Santo António desde 1787. Tinha uma filha, Ana Joaquina, natural de Elvas, que residia em Olhão e era casada com o capitão José Martins Pereira. Tudo indica pois que o coronel, encontrao destituído do comando da praça fronteiriça, estivesse em Olhão alojado na casa de filha e gente.
20. Como concludentemente demonstrou Antero Nobre no seu livro *As Justiças de Olhão* (Lisboa, 1966, pp. 63 e sgs.), "pelourinho" designava a cadeia.
21. Alude às fortalezas da Armona, construída em 1747, e de S. Lourenço, cuja primeira constituição datava de 1654, ambos para defesa das barras principalmente contra os corsários mouriscos.
22. La Higuerita, actual Isla Cristina, perto de Ayamonte, era uma localidade pesqueira fundada após 1755.
23. Sobre Sebastião Martins Mestre, natural de Castro Marim e capitão da 1.<sup>a</sup> Companhia do Regimento de Milícias de Tavira, veja-se a nota biográfica dada por Alberto Iria em *A Invasão de Junho no Algarve*, pp. 286-288.
24. As duas cidades "inimigas" por os franceses nelas terem fortes contingentes eram Faro e Tavira. 25. Um "chaveco" era uma pequena embarcação de três mastros e velas latinas, podendo também navegar a remos.
26. O aprisionamento dos três chavecos franceses ocorreu na manhã do dia 18 de Junho e não só impediu o reforço das tropas francesas de Faro como proporcionou armas e munições aos aliados.
27. A desconfiança em relação a Faro era total: tudo quanto de lá vinha era aprisionado.
28. O Padre António de Macos Malveiro era desde 1807 pároco da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Olhão. Oselogios que João da Rosa lhe tributa são elucidativos do papel de primoríssima importância que desempenhou no levantamento de Olhão contra os franceses.
29. Segundo Alberto Iria, este encontro entre as autoridades de Faro e os representantes do povo de Olhão teve lugar nas proximidades de Olhão, "à chamada Quinta do Chantre, no Torreão de Cima" (ob. cit., p. 57).
30. Um soldado pé-de-castelo era um soldado de artilharia avulsa.
31. Até que hoje se chama ria "Ria Formosa", designação recente chamava-se então ria.
32. Os franceses ainda assediaram Castro Marim, mas foram repelidos e recuaram para a serra em 25 de Junho, após o que passaram a Mértola.
33. De Mértola seguiram as tropas francesas para Beja, que saquearam violentamente a 27 de Junho. Muitos habitantes (cerca de 1200) da cidade alentejana foram passados a fio de espada e as suas casas entregues à pilhagem e incendiadas.

34. Nos primeiros dias do mês de Agosto, um corpo expedicionário inglês (13 500 soldados) comandado pelo general Arthur Wellesley, futuro duque de Wellington, desembarcou em Lavos, na margem sul da foz do Mondego. O exército inglês derrotou o francês, comandado por Junot, em 17 de Agosto na Roliça e em 21 de Agosto no Virneiro, após o que Junot se rendeu. Em 30 de Agosto foi assinada a Convocação de Sintra, que pôs termo à primeira invasão francesa.

35. Pela Convocação de Sintra, o governo inglês forneceu meios de transporte marítimo para as tropas francesas retirarem de Portugal. Os franceses embarcaram no Cais do Sodré, no dia 15 de Setembro de 1808, levando consigo um acervo imenso de valiosas peças do património artístico português.

#### *Edição actualizada de *O Manuscrito de João da Rosa**

Nesta edição apresenta-se a leitura actualizada de *O Manuscrito de João da Rosa*, com base na transcrição paleográfica realizada por Alberto Iria e publicada em *A Invasão de Junot no Algarve*, em 1941.

Regras usadas na leitura actualizada:

- Actualização da grafia e dos sinais de acentuação.
- Puntução actualizada
- Reformulação da estrutura frásica de forma a tornar inteligível o conteúdo do manuscrito.
- Os desdobramentos não são indicados.



MUSEU  
da CIDADE  
de São

